

COMPOSIÇÃO QUE TROUXE A VIDA: A MÚSICA QUE OCASIONOU A ALMA DE CACO, O SAPO

Felipe Fidencio¹; Wellington C. M. Leite²

¹Aluno de Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – felipefidencio@live.com;

²Professor do curso de Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
wellingtoncmleite@gmail.com

Grupo de trabalho: Produção Audiovisual.

Palavras-chave: Musical; Cinema; Composição; Infantil; Música; Audiovisual.

Introdução: Nascida da parceria entre o diretor Jim Henson e os compositores Paul Williams e Kenneth Ascher, *The Rainbow Connection* é a música de abertura do longa de estreia de Henson em Muppets - O Filme de 1979. A música utiliza da fórmula "*I Want*" song, conceito aplicado em filmes musicais e programas de televisão em que personagens principais cantam sobre sua insatisfação com sua vida atual e pelo que estão procurando, tal particularidade artística que trouxe vida a um objeto inanimado.

Objetivos: A análise busca evidenciar o papel estratégico da música na criação de sentido, investigar de que forma a música contribui para a construção de identificação entre o público e o conteúdo audiovisual, como ela proporcionou o destaque não somente de um personagem, mas também de seu valor artístico.

Relevância do Estudo: Correlacionar a importância da música em uma obra fílmica para construção narrativa, onde o público-alvo é predominante infantil, mas que com signos e montagem a música transcende as barreiras etárias e a do tempo, tornando-se um símbolo de identificação durante décadas até os dias atuais.

Materiais e métodos: Os materiais consultados e analisados além do próprio filme Muppets - O Filme em que a música está presente, também é averiguado o documentário *Paul Williams: Still Alive* de 2011, documental da vida do compositor Paul Williams, o livro biográfico *Jim Henson: The Biography* de 2016 e o livro Quando a música entra em cena de 2011. A metodologia aplicada para esta pesquisa é correlacionar a colaboração de artistas com segmentos diferentes no entretenimento para uma composição predominante infantil que atingiu e transcendeu a mídia cinematográfica tornando-se um ícone referencial cultural.

Resultados e discussões: *The Rainbow Connection* é uma canção inicialmente pensada por Jim Henson com o propósito de abrir-se uma janela aos telespectadores para a alma do Caco e comunicar seus desejos mais profundos. A música também deixaria claro ao público que este não é um filme infantil típico. O segredo do sucesso dos Muppets de Jim Henson, foi que ele nunca se deixou levar somente pelas crianças, sua filosofia era "Não estamos escrevendo apenas para crianças, estamos escrevendo para a criança que existe em todos nós" (JONES, 2016). Henson, ao chegar na ideia da produção de um longa-metragem dos Muppets e na escolha dos compositores, ele não procurou músicos infantis, mas sim um compositor de baladas sentimentais para adultos; Paul Williams.

Paul Williams é um compositor conhecido por produzir músicas para filmes aclamados de sucesso tais como; *Evergreen (love theme from "A Star Is Born")* e *Everything* de Nasce Uma Estrela de 1976, do qual estabeleceu o seu sucesso conquistando prêmios como Golden Globe, Grammy e um Oscar de coprodução com Barbra Streisand pela obra. A colaboração entre Henson e Williams aconteceu pela primeira vez em Emmet Otter E a Banda De Natal de 1977 e logo após este trabalho, Henson, solicitou que Williams escrevesse uma música para seu próximo filme, onde Williams concordou, mas requereu que Kenneth Ascher

colaborasse na parceria. Além de discutir o roteiro e informá-los sobre onde as músicas precisariam ser colocadas no filme, eles entenderam que sua visão criativa era criar personagens completos que não menosprezassem as crianças, com isso, Henson deu a Williams e Asher carta branca para o tipo de música que eles escreveriam para o filme.

O filme começa com Caco, o Sapo, sentado em um tronco em um pântano. Williams e Asher precisavam de uma música que pudesse estabelecer claramente o porquê de toda a premissa do filme, era um *road movie* onde os Muppets estavam indo para Hollywood para atuar no cinema. Enquanto Williams e Asher debatiam qual mensagem eles queriam que Caco transmitisse, eles precisavam considerar algumas coisas: Ele era um sapo, ele estava feliz no pântano, mas precisava ter um motivo suficiente para deixá-lo, onde levava uma vida simples e descomplicada. Caco estava isolado e um pouco solitário, assim como Williams. No fim das contas, Caco só queria fazer as pessoas felizes, assim como Paul. Williams e Asher queriam que a música de abertura refletisse o que estava ao redor do Caco; ele estava na água, havia muito sol e que significava que os raios de luz estavam sendo refletidos na água... E o que a luz refratada produz? Arco-íris! E o que os arco-íris representam? Sonhos, visões, desejos, promessas, esperança, então eles tiveram sua inspiração para compor *The Rainbow Connection*.

Embora *The Rainbow Connection* ocupe um território semelhante a um dos maiores temas de filmes de todos os tempos; *Over the Rainbow* de Judy Garland em *O Mágico de Oz* de 1939, não foi a inspiração primária de Williams e Asher para o tema da canção, mesmo o primeiro verso sendo claramente uma referência óbvia: Por que há tantas músicas sobre arco-íris? “Nesse sentido, a música entra em cena, com toda a sua força articuladora. Ela é, na maioria das vezes, a principal responsável pela aproximação do real com o imaginário.” (REPETTO, 2011). Mas o que Williams e Asher se propuseram foi evocar a magia e o anseio de um tema icônico, onde a ideia de que simplesmente acreditar em algo era suficiente para torná-la realidade.

Conclusão: A música permite que o ouvinte se identifique com a letra, tornando-a pessoal, é difícil não ouvir a composição como um reflexo do próprio anseio de Williams por se sentir significativo, especial, pertencente, assim como o Caco, do qual a canção traz esse reconhecimento de enxergar o fantoche como um igual. *The Rainbow Connection* se tornou uma das músicas mais amadas do mundo, ela nasceu de um lugar que reside no fundo do coração humano, que fala de uma força maior do que qualquer pessoa. Um lugar para encontrar significado e importância, uma maneira de se conectar com um lugar que reside logo atrás do sol, logo além da chuva, que quando você menos espera, pode nos ajudar a atravessar e de alguma forma, conectar a todos nós.

Referências:

FRAWLEY, James. **MUPPETS - O Filme**. Produção: Jim Henson. Local: The Jim Henson Company, Estados Unidos, 1979.

KESSLER, Stephen. **PAUL Williams: Still Alive**. Produção: Jim Czarnecki. Local: Abramorama, Estados Unidos, 2012.

Writing “I Want Songs” for Musicals. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20140602201129/http://www.musicalwriters.com/write/stephen-schwartz/songs/i-want-songs.htm>>. Acesso em: 19 de out. 2025.

JONES, Brian Jay. **Jim Henson: The biography**. New York: BALLANTINE BOOKS, 2016.

REPETTO, Bruna. **Quando a música entra em cena**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

A EXPERIÊNCIA DA CRÍTICA IMPRESSA DA PRODUÇÃO À RECEPÇÃO

Cine Tucanos¹ Álvaro Zeini Cruz²

¹Coletivo formado pelos alunos;

¹Bruno Cunha; Bruno Reche; Diogo Moreno; Giovana Navarro; Luisa Spina; Marina de Souza; Tiago de Quadros.

²Professor do curso de Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
alvaroazc@gmail.com

Grupo de trabalho: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Palavras-chave: crítica, zine, sociedade, cine revista, cinema.

Introdução: Esse trabalho apresenta os processos de ideação, realização e impactos subsequentes da produção textual de uma revista estilo zine, a *cine revista tucanos*, explicitando a elaboração do formato, textual e visual e os resultados da experiência em questão.

Objetivos: Fazer um relato reflexivo sobre a elaboração de uma revista impressa e sobre o exercício da crítica como atividade de formativa e social.

Relevância do Estudo: Fomentar a produção e a leitura de críticas a partir de um zine, um jornal impresso independente, objetivando estabelecer um diálogo com diferentes comunidades, contemplando tanto o meio acadêmico quanto o público geral e incentivando a reflexão da arte do cinema.

Materiais e métodos: Tomamos como referências revistas físicas de críticas, como a *Cahiers du Cinéma*, a *Filme Cultura* e a *Sight and Sound*; também revistas críticas online como *Contracampo*, *Foco*, *Exceção*, *Plano Marginal*. Além de textos críticos e sobre crítica de André Bazin e Paulo Emílio Salles Gomes.

Resultados e discussões: Atualmente, a crítica impressa não possui mais o espaço que tinha antigamente; por motivos econômicos e sociais, foi substituída pela mídia digital. Portanto, escolhemos a mídia impressa por considerarmos sua interação mais tátil e mais íntima com o público, tendo, segundo Bahia (2004), um papel fundamental na alfabetização do cidadão. O papel da crítica na sociedade é de encorajar um olhar questionador e desenvolver a linguagem e o pensamento crítico do público leitor; nesse sentido, nosso trabalho — embasado em revistas físicas já citadas —, observa a análise fílmica sendo fundamentalmente usada para estimular o seu leitor. Como disse o crítico Ricardo Cota (Contracampo, 2000), o público não pode ser subestimado, ele tem que ser encarado como capaz de formular suas próprias opiniões. Nossos textos refletem sobre filmes de ampla gama, dos populares aos mais voltados para cinéfilos, alcançando, assim, um público variado. Escrevemos, majoritariamente, partindo do pressuposto de que “a crítica é a arte de amar” (Douchet, 1961), focando na forma do filme, buscando, a partir de aspectos técnicos e teóricos, fazer uma análise desde recorte fílmico. Nessa perspectiva, buscamos uma crítica que atinja o público e o tire de sua zona de conforto, confrontando-o e convidando-o a pensar sobre a obra por outros ângulos. Aproveitando as aulas de história do cinema brasileiro, nossa revista trouxe filmes pré-Cinema Novo, buscando propagar um recorte da filmografia nacional que, por muitas vezes, é desconhecida pelo público. Portanto, jogamos luz nesses filmes que falam mais sobre nós do que filmes estrangeiros, pois, como lembra o crítico Paulo Emílio Salles Gomes, “não somos europeus nem americanos do norte, mas destituídos de cultura original, nada nos é estrangeiro, pois tudo o é” (1996, p.90).

Assim, unimos textos que almejam desafiar filmes e leitores ao aspecto físico, que auxilia propicia um outro tipo de interação com o público; cabe lembrar a experiência de países como a Suécia, que deixou de usar o 100% digital em sua educação, uma vez que aspectos como leitura, concentração e interpretação diminuíram em seus alunos (Tenente, 2023). Com o zine, objetivamos criar um material piloto que visa estimular a leitura física a partir do interesse por um meio popular de entretenimento e arte; também incentivar pensamentos questionadores e artísticos, algo que mantém a crítica como fundamental nos dias de hoje. Um desafio futuro é contornar o problema na produção e distribuição do material, já que a mídia física é mais cara de se produzir e tem espaço limitado, ao contrário da mídia digital, mais acessível e maleável nesse sentido.

Conclusão: Ao longo da realização, percebemos as vantagens e limites da mídia impressa, sem perder de vista os indicativos pedagógicos de que um retorno ao impresso cria uma experiência diferente do digital ao leitor. Assim, esta pesquisa inicial abre a hipótese de que revista a crítica impressa potencializa os textos; a dificuldade, porém, se mantém na produção e distribuição, envolvendo custos logísticos de materiais. Por fim, ressaltamos o processo de produzir um material físico, com suporte impresso e tocável, essa experiência cada vez mais rara ao fazer crítico.

Referências –

BAHIA, José Pércles Diniz. O JORNAL IMPRESSO NA FORMAÇÃO DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA. **Revista da FAEEBA Educação e Contemporaneidade**, Volume 13, Número 21, p. 129-141, 2004.

COTA, Ricardo. Questionário à crítica. In: Contracampo: **Revista de cinema**. 24. ed. [S. l.], 20 dez. 2000. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/24/frames.htm>. Acesso em: 23 out. 2025.

DOUCHET, Jean. **Cahiers du Cinéma**, 126. Cahiers du Cinéma, n. 126, 1961

GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento**. 2ª. ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 1996. 110 p. ISBN 85-219-0217-4.

TENENTE, Luiza. Por que a Suécia desistiu da educação 100% digital e gastará milhões de euros para voltar aos livros impressos?. **G1**, [S. l.], p. B1, 7 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/por-que-a-suecia-desistiu-da-educacao-100percent-digital-e-gastara-milhoes-de-euros-para-voltar-aos-livros-impressos.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2025.

A POPULARIZAÇÃO DO JORNALISMO OPINATIVO NO YOUTUBE SOB A LUZ DE BYUNG-CHUL HAN E WALTER BENJAMIN

Wellington C. M. Leite¹

¹Professor do curso de Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
wellingtoncmleite@gmail.com.

Grupo de trabalho: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

Palavras-chave: Rádio; Comunicação; jornalismo Opinativo; Byung-Chul Han; Walter Benjamin.

Introdução: o presente resumo pretende desenvolver, brevemente, uma discussão surgida durante a disciplina de Análise de Discurso, Storytelling e Transmídia, do curso de Publicidade e Propaganda das Faculdades Integradas de Bauru (FIB). Parte-se de uma observação empírica de que as ações que envolvem técnicas de *Storytelling* multiplicaram-se nos últimos anos, tornando evidente a dificuldade em captar a atenção do público-alvo em tempos de Economia da Atenção (Goldhaber, 1997). Aplicando-se a mesma lógica, intuímos que tal procedimento também poderia explicar o que vem ocorrendo com os principais jornais do país transmitidos pelo YouTube. Selecionamos dois exemplos que, cremos, têm relevância na internet: o programa ICL Notícias, que tem formato original de vídeo feito para YouTube e que é retransmitido por várias emissoras de rádio e TV do país; e O É da Coisa, da Band News FM, originalmente um programa de rádio que ganhou imagem para ser transmitido pela internet e que agora também é transmitido pela Band News TV. Pra tal análise, utilizamos Byung-Chul Han e Walter Benjamin.

Objetivos: refletir sobre as grandes audiências de dois produtos noticiosos que, de certa forma, retomam as estratégias do antigo rádio AM, qual seja, estabelecer um diálogo, por vezes longo, com a audiência, valorizando não somente a personalidade dos apresentadores, mas efeitos sonoros, música e silêncios que oferecerão uma interpretação do fato noticioso (ao gosto da audiência), diferente da simples escalada de manchetes e subsequente leitura dos fatos do dia seguidos por sonoras e *offs* de reportagens.

Relevância do Estudo: dentro da mencionada disciplina é problematizado para além de seu uso enquanto ferramenta de comércio e consumo (Han, 2023, p.40), o que possibilita melhores aplicações desse conhecimento devido ao aumento de consciência de seus efeitos em uma sociedade cuja atenção de seu povo é tratada como *commodity*. Os exemplos escolhidos, fora do âmbito da Publicidade, são frutos das observações profissionais do autor a partir da constatação dos alunos: a volta de gadgets analógicos.

Materiais e métodos: além da pesquisa bibliográfica de Benjamin e Han, a estratégia de pesquisa escolhida, o Estudo de Caso (Martins, 2006), foi usada para analisar dois programas de dois canais do YouTube, o ICL Notícias (Instituto Conhecimento Liberta) e O É da Coisa (Band News FM), exemplificados pelas suas edições mais recentes, de 24 de outubro de 2025.

Resultados e discussões: a chegada do rádio como nova tecnologia de comunicação na Alemanha encontra um radialista singular: W. Benjamin, que publicou 8 textos sobre o meio, foi autor e narrador de seus próprios textos (muitos infantis) e defendia o uso socialmente responsável do rádio (em consonância com seu colega, Bertold Brecht). Em A Crise da Narração, Byung-Chul Han (2023) propõe uma conversa com Benjamin, destacando que estamos em uma “época pós-narrativa” (2023, p.10), e a narração é a base de nossa

vinculação com o mundo; sem ela, a religião, os dias de festas, etc. deixam de ter significado, sobrando-nos apenas trabalho, produção e consumo. Han, o filósofo que defende um caminho ao contrário do que estamos seguindo, encontra em Benjamin um parceiro de pensamento: em *Conto e Cura* (2013), por exemplo, o filósofo alemão sugere que a narração cura o corpo; Han identifica no excesso de informação a redução de nossa contingência enquanto humanos, sociedade que sofre de “desnarrativização” (Han, 2023, p.14) à medida que se informatiza. Tradição do rádio AM e analógico, narrar e simular conversas reaparecem nos dois programas em questão e, junto delas, defendem os códigos necessários à vida em comunidade, responsáveis por devolver-nos a esperança.

Conclusão: enquanto mídia popular e com menor participação no total de arrecadação publicitária do país, o rádio passou muito tempo sendo o local de origem das experimentações de técnicas de comunicação, muitas vezes tidas como apelativas, mas que significavam sua sobrevivência. A criatividade do radialista popular, ao usar não somente a fala mais próxima ao do seu ouvinte e o improviso, mas também o bom humor no uso de recortes de falas de pessoas conhecidas, de músicas e de efeitos sonoros, são exemplos usados pela equipe de *O É da Coisa*, transplantados do rádio para o YouTube, para defender uma leitura democrática que condena extremismos, especialmente os de direita. De outro lado, o ICL Notícias usa da fala improvisada indignada e do debate, por vezes acalorado, para aprofundar e trazer diversos pontos de vista sobre o mesmo fato, usando o discurso de esquerda liberal difusa; tal proceder inclui brincadeiras entre os apresentadores, palestras com pesquisadores, divulgação de documentários, exposição de gráficos, falas e tuítes de políticos para ilustrar a linha editorial do ICL. Ambos os programas assumem um papel de explicadores da realidade; ambos, em nossa visão, acabam se tornando pontos de fuga para o usuário cansado da apresentação dita neutra de fatos jornalísticos, mas que, ao mesmo tempo, conforme Han, confirmam que o “uso inflacionário de narrativas” (Han, 2023, p.9), é uma tentativa de resgate dos códigos essenciais humanos que, nos últimos tempos, vêm sendo ignorados e até combatidos, como o do próprio Jornalismo, o do Direito, o da Política, etc. A sociedade do cansaço parece buscar alívio nas práticas orais e coletivas.

Referências

BAND NEWS FM. **O É da Coisa**. YouTube. Publicado em 24 de outubro de 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VIS5FQ0EdDM>> Acesso em: 26/10/2025.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução Irene Aron, Cleonice Paes, Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Conto e Cura** – imagens de pensamento. In: Benjamin, Walter. *Imagens de Pensamento – sobre o haxixe e outras drogas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GOLDHABER, Michael H. **The Attention Economy and the Net**, 1997. Disponível em: <<https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/519/440>>. Acesso em: 26/10/2025.

INSTITUTO CONHECIMENTO LIBERTA. **ICL Notícias**. YouTube. Publicado em 24 de outubro de 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ta4YIkJH7Rw>> Acesso em: 26/10/2025.

HAN, Byung-Chul. **A Crise da Narração**. Trad. Daniel Guilhermino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

O BLOG E A SIMILITUDE COM A CRÍTICA CINEMATOGRAFICA

Coletivo Produção Audiovisual 2024-2026¹;

¹Coletivo formado pelos discentes Álvaro André Zeini Cruz²; Elton Patrizi; Felipe Fidencio; Giovane Ponce; Isadora Camoio Rego; João Vitor dos Santos; Nathalia Palma Alves de Almeida Fernandes; Orestes Rosseto Neto.

²Professor dos cursos de Produção Audiovisual e Publicidade e Propaganda – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alvaroazc@gmail.com.

Grupo de trabalho: Produção Audiovisual.

Palavras-chave: Crítica; Educacional; Audiovisual; Cinema; Acadêmico; Blog.

Introdução: A crítica cinematográfica enquanto prática discursiva e interpretativa constitui um campo relevante para os estudos de mídia e comunicação, onde a atuação de blogs especializados em crítica de cinema considera sua função na mediação entre obras audiovisuais e o público. Partindo dessa perspectiva, busca-se compreender como esse espaço digital contribui para a formação de repertórios culturais, educativos, acadêmicos e sociais.

Objetivos: Correlacionar a importância da crítica no audiovisual e seu diálogo com o público-alvo, além da pedagogia e metodologia de escrita e o seu alcance na era digital.

Relevância do Estudo: Correlacionar e refletir a interlocução entre crítica e obra, bem como a função formativa da crítica e discussão social num contexto de saturação de telas, imagens e sons.

Materiais e métodos: A pesquisa foi realizada a partir de uma dinâmica em sala de aula, na qual os alunos produziram críticas de obras audiovisuais para um blog, com cada participante elaborando textos individuais e um integrante atuando como editor. Foram analisados blogs de crítica cinematográfica, o livro Revisão Crítica do Cinema Brasileiro (2002), artigos acadêmicos de revistas universitárias e SciELO Brasil, além de trabalhos acadêmicos de disciplinas relacionadas à crítica cinematográfica.

Resultados e discussões: Explorando a crítica de cinema, ela era tradicionalmente restrita aos círculos acadêmicos e às colunas especializadas dos grandes jornais. Ganhou novos contornos com o advento dos blogs na internet, transformando-se em uma ferramenta de inclusão social e expressão cultural. Desde os primórdios da blogosfera, apaixonados por cinema encontraram neste espaço uma voz ativa para compartilhar suas visões, democratizando o acesso à análise fílmica e rompendo barreiras antes impostas por instituições midiáticas. Essa transição permitiu que pessoas de diferentes origens, regiões e vivências culturais contribuíssem com perspectivas únicas, enriquecendo o debate cinematográfico. Um elemento de destaque nesse contexto é a interação direta entre críticos e público por meio dos espaços de comentários, que possibilitam uma participação instantânea dos leitores. A relação entre a crítica cinematográfica e seu público estabelece um diálogo rico em trocas de informações, perspectivas e experiências, permitindo que diferentes visões sobre um mesmo filme se complementem e ampliem a compreensão da obra.

Publicações e debates em blogs, considerado historicamente um pioneiro transversal da crítica cinematográfica pública, permitem que leitores comparem hipóteses interpretativas, confrontem evidências visuais e desenvolvam critérios de avaliação, papel atribuído ao cinema como formador

de imaginários científicos e objeto de análise por estudos sobre representação e educação em ciência. (OLIVEIRA, J. 2006).

Cada espectador elabora sua interpretação a partir de vivências e repertórios singulares, e o compartilhamento dessas percepções promove um aprendizado coletivo que repercute socialmente ao moldar comportamentos, influenciar decisões de consumo e incentivar debates sobre os temas sociais presentes nas obras, além de ser uma grande ferramenta também exerce como cunho publicitário para o filme, pois uma crítica positiva leva a uma boa visibilidade para a obra e criando interesse em possíveis espectadores. “O crítico, é uma espécie de educador cultural, alguém que media a relação entre o filme e a sociedade. Cinema como instrumento de aprendizagem coletiva.” (ROCHA, 2002). Vale destacar ainda que, a democratização desse campo muda as formas de legitimidade e destaque, criando novas formas de destaque e desafia os críticos a manterem sua autenticidade diante das pressões dos algoritmos, um processo que também influencia diretamente o mercado cinematográfico e a própria indústria cultural.

Conclusão: Na era digital atual, essa prática se expandiu para redes sociais, canais de vídeo e plataformas colaborativas, consolidando a crítica como um fenômeno plural, acessível e profundamente conectado às transformações sociais e culturais do nosso tempo, passou de um espaço restrito e institucionalizado para uma prática democrática, impulsionada pelos blogs e pela interação digital. Nesta transformação ampliou-se o acesso à análise fílmica, valorizou a diversidade de perspectivas e consolidou o cinema como ferramenta de aprendizagem coletiva e reflexão, desafiando os modelos tradicionais de legitimidade.

Referências:

ANDRADE, Juliana de; RECUERO REBS, Rebeca. **A estética do consumo de filmes na plataforma Letterboxd**. XXXI CCI – Congresso de Iniciação Científica, Universidade Federal de Pelotas, 2022. Disponível em: <<https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/10214/A%20est%C3%A9tica%20do%20consumo%20de%20filmes%20na%20plataforma%20Letterboxd.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 de out. 2025

CLARO, Celso Fernando. **Uma História Social da crítica cinematográfica brasileira** (Artigo). In: Café História. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/historia-social-do-cinema>> Publicado em: 19 Jun 2017. Acesso em: 22 de out. 2025

XAVIER, Ismail. **O papel estratégico da crítica na formação do pensamento cinematográfico**. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/155969/153905>>. Publicado em: Out 2017 Acesso em: 21 out. 2025.

OLIVEIRA, B. J. **Cinema e imaginário científico. História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, v. 13, supl., p. 133-150, out. 2006. DOI: 10.1590/S0104-59702006000500009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/sj4G XK3M9Xhn7TsgPFZpzsJ/>>. Publicado em: Out 2006. Acesso em: 22 out. 2025.

ROCHA, Glauber. **Revisão crítica do cinema brasileiro**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

RÁDIOS COMUNITÁRIAS: PROTAGONISMO SOCIAL EM ERAS DE INTERNET

Eduardo C. Trombini¹; Wellington C. M. Leite ²

¹Graduado em Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
eduardoctrombini@gmail.com

²Professor do curso de Produção Audiovisual – Faculdades Integradas de Bauru – FIB

Grupo de trabalho: Produção Audiovisual

Palavras-chave: mídia sonora; rádio; rádios comunitárias; protagonismo social.

Introdução: Rádios comunitárias, que fazem juz a este nome estão relacionadas ao forte trabalho desenvolvido, onde em sua maioria transmite programação com interesses sociais, normalmente vinculados com a realidade local, sem fins lucrativos e com fins de democratizar a informação, ampliar a cidadania e níveis culturais (PERUZZO, 2007, p. 69). Em associação com estas informações, a internet acaba sendo um meio de divulgação com massiva abordagem. Fernando Kuhn (2002; 2005, p. 31), segmenta as formas de transmissão em denominações de “web-rádios” para emissoras convencionais de rádio cujas transmissões também acontecem via internet, e “virtuais” (ou “webcasters”, ou ainda “Internet-only”) para estações com existência e irradiação específicas na internet.

Objetivos: Realizar uma análise sobre o protagonismo das rádios comunitárias, suas importâncias sociais e formas de transmissão em tempos de internet.

Relevância do Estudo: As rádios comunitárias na internet associam-se à cibermilitância mencionada por Denis de Moraes (2001, p. 141), ao ultrapassarem as barreiras geográficas e utilizarem a internet como um meio público de comunicação, livre de regulamentações, com o propósito de difundir informações e análises que promovem o fortalecimento da cidadania e a reflexão crítica sobre as hegemonias estabelecidas.

Nesse sentido, este trabalho visa propor discussões acerca desse tipo dessa forma de disseminação de informações e cultura de maneira democrática, bem com seus recortes e influências sociais.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica.

Resultados e discussões: Amarante (2022, p.51-66) afirma que atualmente, nesta era virtual, a internet torna-se uma aliada fundamental na compreensão e na propagação dos movimentos sociais, uma vez que a facilidade e a rapidez na disseminação das informações permitem maior autonomia aos emissores das mensagens — quanto aos conteúdos abordados, aos públicos a quem se dirigem e à possibilidade de alcançar uma massificação que a mídia e a política tradicionais não possibilitam nos meios convencionais. Conforme destaca Barros (2021, p. 230), o processo de comunicação cidadã envolve as interações sociais cotidianas, os mecanismos de participação e engajamento, além da definição de conteúdos, meios e formatos que configuram as mídias comunitárias.

Conclusão: Rádio é um meio de comunicação bem conhecido, presente no dia a dia de todos, em todo o mundo. A partir desta ferramenta surgem as rádios comunitárias que enfim, se baseiam em princípios da comunicação libertadora que tem como norte a ampliação da cidadania. Elas carregam, aperfeiçoam e recriam o conhecimento gerado pela comunicação popular, comunitária e alternativa no contexto dos movimentos sociais na América Latina desde as últimas décadas do século XX. Desta forma, idealmente, os conteúdos devem ser produzidos de maneira democrática e distribuídos de forma organizada na grade de

programação, pois, como alerta Peruzzo (2007), a falta desse equilíbrio pode tornar a rádio tendenciosa e desviá-la de seu propósito fundamental.

Referências:

AMARANTE, Maria Inês. Rádios comunitárias: ativismos e resistência nas redes sociais. **Cadernos Naui**: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 51-66, jan./jun. 2022. Semestral.

BARROS, Pablo Nabarrete. Comunicação para a cidadania e hegemonia popular: aproximações, conflitos e entrelaçamentos teóricos e políticos. In: **Comunicação para cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva**. 1. ed. São Paulo: Intercom; Gênio Editorial, 2021. p. 221-250.

KUHN, F. **O rádio entre o local e o global**: fluxo, contrafluxo e identidade cultural na internet. São Bernardo: UMESP, 2005. 257 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social).

MORAES, Denis de. **O concreto e o virtual**: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: PD&A, 2001.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERUZZO, Cicilia K. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento local. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007. p. 69-94.

TRIGO-DE-SOUZA, Lúgia Maria. As categorias do rádio na internet. Idade Mídia: **Revista da Faculdade de Comunicação Social Fiam-Faam Centro Universitário**, São Paulo: FIAM-FAAM, v. 1, n. 2, p. 17-26, 2º sem. 2002.